



RelevO

março/2022, n. 7, a. 12

• Periódico literário independente
feito em Curitiba-PR desde set/2010

• ISSN 2525-2704

Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de autoria de Fabio Rrocha. Você pode conferir mais do trabalho dele em [instagram.com/fabr.r](https://www.instagram.com/fabr.r).

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 30 Lorenza Ribeirete; R\$ 57 Gabriele Rosa; Olívia Scarpari Bressan; Jeferson Fiorini; Isabel de Sá; R\$ 60 Vítor Oliva; Alvaro Posselt; João Moura Fernandes; Maria Diel; Pri Serbonchini; Edson Godinho; Ana Cartaxo; Lucas Martinichen; Érika Santos; Diogo Azoubel; Amanda Tintori; Eduardo Pereira de Souza; Lysia da Silva Almeida; Aline Izabel Costa Carvalho; André Valente; Rômulo Candal; Neurivan Sousa; Helena Carnieri; Isabela Castro; Leo Duarte; Pedro Kono; Leda Lopes; Taisy Oliveira; Juliana Andrade Rangel; Bianca Pontes de Siqueira; Raquel Naveira; André Volpato; Toni Correa; Paula Souza; Valentina Gava Chakr; Yuri Rodrigues; Júlia Bottini; Gylherme Custódio; Ades Nascimento; Giovanna Duarte; Robson de Oliveira Aguiar; Vinícius Dias Canabarro; João Paulo Abreu de Oliveira; Mauro Donato; Júlia Nogueira Michelotto; Emmanuelle Rosa; Milena Maria; Pamela Canciani; Escobar Franelas; André Luís; Brenda Taketa; Pedro Carrano; Harry Crowl; Vania Perciani; Maria Larissa Silva; Cezar Tridapalli; Roseana Murray; Fabio Rrocha; Fernanda Taveira Quintão; Rosana da Silva Cuba; R\$ 75 Rafael Zaina Gonsalves; Rafael Gayer; Alisson Coelho; Maria Fernanda Bianchini Calzada; Natalia Timerman; Wagner Teixeira; R\$ 80 Brisa Peregrino; Osny Tavares; R\$ 100 Tarcisio Botelho; Andriele Tinoco; Maria Alexandra Cunha; Maria Catarina Correa Gestinari; Alina Prochmann; Silvana Guimarães; R\$ 105 Juliana Abdon; Gabriela Schneider; Ben-Hur Demeneck; Binho Signorelli; Altamir Guilherme Wagner; R\$ 120 Luciana Merley Borborema; Marina Dubia; R\$ 140 Lausamar Humberto; R\$ 150 Victor Cruzeiro; Edival Perrini; Elieder Corrêa da Silva; R\$ 200 Rafael Estorilio; Paulo Lacerda; R\$ 300 Nuno Rau.

TOTAL: R\$ 6.823

ANUNCIANTES:

R\$ 200 Editora Penalux; R\$ 150 Ana Amália Alves; R\$ 60 Rômulo Cardoso; Mariana Paim; Editora 93; R\$ 30 O Alienígena.

TOTAL: R\$ 560

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.382
Escritório: R\$ 20
Embalador: R\$ 50
Autores e ilustradores: R\$ 420
Editor: R\$ 1.200
Editor-assistente: R\$ 350
Serviços editoriais: R\$ 460
Mídias sociais: R\$ 350
Diagramação: R\$ 150
Infografia: R\$ 60

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 400
Correios: R\$ 1.986

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 30

(+) Entradas totais: **R\$ 7.383**

(-) Saídas totais: **R\$ 7.358**

(=) Resultado operacional: **R\$ 25**

Março/2022

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Nuno Rau
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 28 de fevereiro de 2022.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Morgana Rech
Felipe Harmata
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga



[instagram.com](https://www.instagram.com)
[facebook.com](https://www.facebook.com)
[twitter.com](https://www.twitter.com)
[medium.com](https://www.medium.com)

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

COMEÇANDO BEM

Tércio Kneip Recebi o jornal de janeiro de 2022. Por isso julgo que sou assinante. Para minha surpresa, não consta meu nome entre os seletos assinantes. Devo estar pagando alguma cerveja por aí no final das contas. Grato pela atenção. Obs: o jornal está ficando popular aos poucos pela identidade visual. Falta *Pasquim*. Nunca teve meu nome durante toda a assinatura. Muito obrigado. Tomem um bom chope com o dinheiro da última assinatura. Chope e ironia cai bem no DNA de cada um, afinal de contas. Colaborei com o *Pasquim Sul* e não vejo razão para o jornal perder tanto espaço vazio sem informação. Calhou era um nome que se dava para ocupantes de poucos centímetros na página. O vazio respira, fica bonito, mas perde em critério informativo. Há tanta matéria de jornal disponível para crítica. Afinal, o jornal quer ser bem-sucedido financeiramente ou ficar melhor em páginas enquadradas na sala? O ilustre hebdomadário precisa de relevo humorístico para deixar de lado a fisionomia de suplemento. Falta sensualidade popular nesse tempo evangélico vazio de profundidade. Os cartunistas em Porto Alegre do tempo do pasca estão todos precisando de amigos literários nas páginas vintage da resistente imprensa. O país precisa do que vocês estão fazendo. Uma pitada de amorismo genial no prato clássico para chegar um pouco mais de luz ao irmão da rua. Hoje, pasquim virtual é post! No campo da literatura crítica, elogio não vende. Sim. Certa vez espinafrei a personagem de uma peça de teatro. A atriz entrou indignada na redação. Resultado: durante um bom tempo, o teatro esteve lotado. O diretor que já havia dado uma garrafada num amigo meu até me cumprimentou com simpatia. Evoé!

MAS MELHORA

Flavio Bertoldi Olá, Jornal. Estou numa desconfortável posição: sempre que consumo algo, seja o que for, equaciono o custo do produto antes de eventuais reclamações. Se numa ponta encontram-se as cias aéreas (em geral, de produtos e preços péssimos), noutra está **RelevO** (em geral, de produtos e preços ótimos). Feito esse preâmbulo, essa ressalva de consciência, esse salvo-conduto de um candidato de camisa polo e sapatênis, tenho um reclamo: não recebi minha edição de janeiro/22. Creio que não tenha sido um problema dessa edição — botemos no cu do serviço de entrega a culpa. De toda forma, ponto é que o Jornal me transformou numa espécie de colecionador que não admite a hipótese de faltar na pilha a tal a.5 n.12. Assim, à guisa de entrosar alguma solução, pacificar os interesses, resolver o impasse Rússia x Ucrânia, gostaria de propor/requerer (afinal, o cliente tem sempre razão) uma das seguintes alternativas:
1. Se minha edição de janeiro não foi postada, como medida de economia, pode deixar para postar junto da edição de março;
2. Se minha edição de janeiro foi postada, deixemos assim. O acaso há de me presentear como o fez com Monique Brito e, um dia, quicá (quicál!) eu entrarei em janeiro. É isso, desculpa se pareci chato. Feliz 2022!

P.S.: no site, no título da página, o ano está incorreto (XI, de XII, na verdade). Tem de pedir ao programador que altere código fonte dos campos <head> <title>.

Gabriel Stroka Ceballos Não recebi a edição de janeiro mesmo, não sei por que. Se já enviaram para esse endereço, tranquilo, aguardo a de fevereiro pra seguir as leituras. Ainda estou lendo a de dezembro. Aliás, tô gostando muito de acompanhar. Vocês conseguem passar um ar de proximidade e naturalidade que eu não esperava nessa leitura. Acaba me fazendo sentir parte de algo e, estranhamente, aplaca uma solidão da escrita que nem lembrava que sentia. Enfim, piegas demais isso haha, mas dane-se, acho que é válido compartilhar com os criadores. Abraço!

Rafael Roefero Já está nos meus planos assinar o **RelevO**. Escolherei, muito provavelmente, e num futuro (bem) próximo, a assinatura de patrocinador. Além de tentar impulsionar (meio que minimamente, mas é o que há) o trabalho de vocês, que passei a admirar, é também um favor para a arte contemporânea e independente, de certa forma. (Não sei se vale dizer, mas parabéns pelo que vocês criaram! :)

Júlio Tauil Acho massa o apoio que o jornal dá para novos escritores, gosto da filosofia com relação aos textos, enfim o bagulho é massa. Inclusive mandei meu livro de poesias pro jornal, o **RelevO** é um jornal foda pra caraleo. Se as coisas se ajustarem pro meu lado, vou assinar o jornal com maior satisfação!

Dante Segundo Chegaram os jornais e o livro! Que coisa mais linda ♥ Tô mostrando pra deus (?) e o mundo. Ansioso pelos próximos.

Túlio Stafuzza Chegaram hoje meus exemplares, tudo certo no transporte. Uma delícia daquelas, devo dizer! Obrigado!

José Roberto Pereira Boa tarde! Saudações literárias! Tive conhecimento desta plataforma por meio de uma amiga e adorei. Parabéns pela iniciativa! Viva a literatura.

Luiza Pereira Adoro o jornal e o seu conteúdo literário.

EXISTE BOLÍVAR ESCOBAR?

Elieder Corrêa da Silva Confesso, nem sempre consigo ler tudo que é publicado no Jornal; este mês de fevereiro consegui ler de cabo a rabo. O ombudsman está meio insatisfeito. Bolívar Escobar (é verdadeiro?): que crônica! Antigamente, o cornudo matava os traidores, hoje parece que levam numa boa. Para os homens, dói mais levar cornos do que para nós, mulheres, geralmente perdoados. Com meu cordial abraço.

Ka Lima Olá, boa tarde! :D Chegaram as edições do mês de fevereiro e de janeiro, muito obrigada. As capas estão lindíssimas. Desejo uma ótima semana!

NAQUELE PIQUE? VISH... FAZ O PIX

Alex Zani Boa tarde. Ontem eu estava lendo a edição de fevereiro enquanto passava por problemas gastrointestinais e percebi

que minha compreensão das letras impressas no jornal não estava muito boa. Foi então que decidi comprar uma lâmpada nova para o meu banheiro e, após trocá-la, percebi que o problema não era a lâmpada e sim o tipo de papel do jornal, uma vez que está mais cinza do que as edições anteriores. Sendo assim, gostaria de saber se tem como vocês estarem ressarcindo o valor que gastei com a lâmpada. O preço foi R\$ 39,80 e o meu PIX é o meu email: zani@allejo.com.br. Obrigado!

Ades Nascimento O Jornal chegou semana passada. No sábado iniciei sua leitura. Dizer que o Editorial está uma verdadeira “lição” de como se dá a recepção de textos! É um estímulo (por vezes dorido) para quem pretende a escrita literária. Muito bom! A narrativa de Daniel Moraes, a tradução, descritiva, de João Fernandes (“Jovem plátano”), a ilustração da página 20, de Maria Diel e a “Máquina de costura”, de Mônica Silva, sensacionais! Na expectativa pelo novo ou pela nova ombudsman! “Esse troço de pensar em direitos do leitor...” será realmente engraçado? Saudações de Ades!

Célio Borba Leitura dinâmica, com conteúdo interessante. Todo mês tenho acesso aos artigos e demais publicações do **RelevO** no hall de entrada da Biblioteca Pública do Paraná (BPP), espaço em que o jornal é disponibilizado aos leitores.

Felipe Mamone Conheci vocês a partir de um comentário sobre a política de publicação e me interessei de imediato. A partir disso, li algumas várias edições do jornal e preciso deixar também minha admiração em relação ao seu conteúdo e ao acabamento. Adorei basicamente tudo.

Raquel Scarpelli Um jornal maravilhoso!

Cyndi Moura Gostaria de notificar o recebimento do jornal em minha residência, hoje pela manhã. Fiquei surpresa por receber não só a edição de janeiro, mas as de novembro e dezembro também. Que delícia sentir o cheiro do jornal e poder deliciar-me com leituras tão valiosas. Estou adorando conhecer escritores contemporâneos, além de anotar obras canônicas que eu ainda não conhecia (ou que ainda não li). Muito grata por fazer parte dos assinantes desse jornal. Parabéns por manter essa preciosidade por 11 anos, **RelevO**! Continuarei aqui, aproveitando. Abraços de uma assinante feliz com seu exemplar.

Update: Boa tarde (aquí em Rio Branco, no Acre, ainda são 17h30 rs). Meu exemplar de fevereiro ainda não chegou... Ainda está no prazo de recebimento? Gostaria de saber o que houve.

NOVO OMBUDSMAN: NUNO RAU

Felipe Gollnick Eu sabia e esse é o único motivo de eu ser assinante: pra ver alguém XINGANDO o jornal. _____ (mentira ♥)

Vasco Cavalcante Com o Nuno Rau, o **RelevO**, agora, vai ter mais **RelevO** ainda!

Ana Cláudia Ribeiro Certamente será um ótimo interlocutor.

Pepe Donato Agora eu preocupei.

Mara Senna O Jornal estará em ótimas mãos.

Ranieri Carli Melhor nome não há. Parabéns ao jornal pela escolha.

Edson Ribeiro da Silva No caso, o ombudsman tratará sempre da edição anterior? Não terá acesso aos textos antes da publicação? Seria uma coisa bastante original numa publicação mensal.

Walter Ribeiro Parabéns ao **RelevO**! Melhor ombudsman não poderia existir! Sucesso ao Nuno Rau!

Flávio Viegas Amoreira Um grande nome!

Fernanda Dante Paga bem para falar mal do **RelevO**?

Tchello d'Barros O **RelevO** será antes e depois desse ombudsman.
Da redação: agora preocupamos.

DE IR E VIR

Cefas Carvalho Chegou em terras potiguaras a edição mais recente do jornal literário **RelevO**, que resiste bravamente como impresso. Ótima leitura para o fim de semana que se aproxima.

Ana Carolina Pedacinhos do Jornal de fevereiro. Vocês conhecem? Pois deveriam. Tá sensacional. E engraçado. E bonito. Na verdade, sempre tá, nem é novidade (não “tá”, “é”). A novidade é só que li o jornal sem manchar a pontinha dos dedos de preto esse mês.

Fazia Poesia FEVEREIRO CHEGOU. E, com ele, chegou a nossa edição do **RelevO**. E com a edição do Jornal, vocês já sabem, né? Tem as cartas, tem o editorial, tem o ombudsman, tem crônica, conto, poemas e também tem os anúncios. E com os anúncios, tem a Fazia Poesia. Nesta edição, um anúncio singelo. Discreto. Institucional. Como quem não quer nada. Pouparamos energia criativa pro anúncio de março, que é o mês em que completamos seis anos de existência. Ou seja, #vemai um anúncio deveras interessante no terceiro mês de 2022. Em tempo, acessa aí: faziapoesia.com.br. Tem poema, artigo, ensaio, resenha, coletânea, concurso, podcast, chamada e alguns outros inutensílios. Aproveita e assine o **RelevO**, R\$ 60 por ano, e você recebe mensalmente essa preciosidade em sua residência. Compensa, viu? Abraços poéticos.

DISSO DE PAGAR

Meme de Mim Bela iniciativa essa de remunerar os autores e autoras! Faz-me recordar um trecho do *Nuvem Cigana*, documentário, onde o querido poeta Chacal, ao ser perguntado para quê a poesia servia, respondeu em tom anfibio: “pra ganhar dinheiro!”.

COMO RECEBER DINHEIRO

Denise Santos Oi vocês compram nossos textos e como enviar e como receber dinheiro. Eu gostaria de enviar espero ser aprovada.

EDITORIAL

De custo-Brasil e codependências

Nos últimos seis meses, o custo de gráfica do RelevO aumentou três vezes. O custo de itens de papelaria aumentou 20%. A conta de luz quase dobrou em relação ao mesmo período de 2020, ainda antes da pandemia. Lembramos, dia desses, uma época em que fazíamos a distribuição do Jornal em oito cidades da Região Metropolitana de Curitiba (RMC) com R\$ 100 no tanque — o litro da gasolina saía por R\$ 2,50 em 2016 e já reclamávamos de uma alta recente do período. Não bastando, os Correios, em fevereiro, aumentaram a nossa modalidade de envio, a MDPB, em 30%. Um envio simples para Curitiba, que antes custava R\$ 1,60, hoje não sai por menos de R\$ 2,10. Em uma escala de 1150 assinantes, trata-se de um custo a mais considerável — e que impacta diretamente nossas margens de lucro.

Não especialistas que somos, aqui não nos interessa discutir o contexto geopolítico que torna o Brasil cada dia mais caro (embora determinados fatores sejam o óbvio ululante rodrigueano), nem a própria questão dos recursos envolvidos. Acontece que este é o Brasil que se apresenta e onde queremos continuar fazendo o que fazemos. Não podemos negar que a *realidade* está mais complicada para projetos como o nosso por fatores que também complicam a vida de outros negócios — muito mais importantes — espalhados pelo país. Sabemos que alguns fatores estruturais dos quais somos codependentes fogem ao nosso controle, e ao menos temos a opção de pular fora de tudo isso sem comprometer a renda de famílias.

O primeiro impacto de vários aumentos simultâneos de custo é a dificuldade de manter os valores de assinatura. Carregamos a anuidade de R\$ 60 da assinatura básica desde o final de 2019. Para comparação, em setembro de 2019, o litro da gasolina circundava R\$ 4,50, cerca de 55% menos caro que a média atual da Região Sul, mais especificamente de Araucária, sede logística do RelevO. Aliás, foi nessa época que começamos a oferecer a possibilidade de adquirir assinaturas de patrocinador (R\$ 80 e R\$ 105), que contribuem para o custeio do envio a bibliotecas comunitárias e pontos culturais nacionais.

Em suma, quando aperta, transferimos nossos custos para quem nos compra. Não existe nenhum segredo nisso. Não temos um megainvestidor. Não somos ricos. Não temos cargos públicos. Não aproveitamos nosso capital simbólico para nos aparelhar no Estado. Contudo, nossa comunidade de leitores, formada principalmente por sujeitos de Humanas, não tem sido capaz de assimilar a contento o aumento da vida como um todo. Historicamente, nossa média de não renovações de vínculos sempre foi de R\$ 20%. Hoje, oscila de 30 a 35%, com tendência de piora em meses de férias escolares, como janeiro e julho. Pode ser que isso também tenha relação com o nosso produto em si, mas acompanhamos em planilhas rotineiras as justificativas da não continuidade. Não é impressão nossa, mero achismo. O **RelevO** é um projeto cultural com uma malha de números.

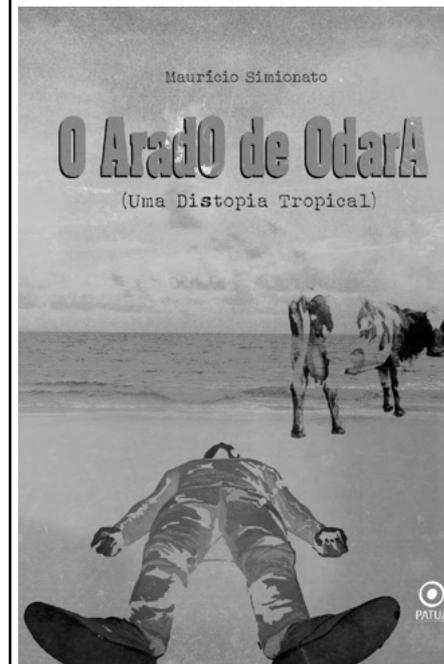
Pretendemos seguir com o valor congelado da anuidade básica no mínimo até o meio de 2022, mas sabemos que, em breve, precisaremos reajustá-lo. Como sempre enfatizamos por aqui, vivemos, basicamente, de assinantes e de anunciantes. Não utilizamos ou buscamos dinheiro público, tampouco vendemos anúncios travestidos de espaço editorial. Em linhas gerais, estamos conectados ao que acontece no país e sofremos o impacto de uma crise que se estende por muitos anos — e que, naturalmente, arrasta com mais facilidade os peixes menores. Sobrevivemos ao auge da pandemia, mas a escalada de aumento de custos nos preocupa muito.

Afinal, o que estamos fazendo? Primeiro, evitamos voltar ao patamar de distribuição anterior à pandemia, quando distribuíamos em mais de 450 lugares do Brasil todo sem custo para os espaços que nos abriam as portas. Estamos com ações mais direcionadas, como a ampliação da distribuição em nosso raio de ação, e mantendo o foco na captação de novas assinaturas a partir de nossos canais digitais. Não é muito, mas é o que sempre acreditamos desde o início do Jornal, lá em agosto de 2010: ações direcionadas, contínuas e mensuráveis. Esperamos continuar.

Uma boa leitura a todos.

O *Arado de Odara*, de Maurício Simionato, equivale a um passeio pelas várias possibilidades e modos de expressão da poesia contemporânea brasileira; em especial, daquela realizada pelos novos autores que aliam a inquietação, o inconformismo em face da “distopia tropical”, à intensa sensibilidade lírica.

Claudio Willer



"O Arado de Odara, arrisco dizer, propõe-se a realizar um manifesto sócio-político-poético da atualidade. Maurício Simionato assopra a poeira do mundo por meio do verbo, com o olhar sensível aos detalhes presos nos fenômenos e nos acontecimentos atuais. Cada frame dessa distopia está catalogado, entrecruzado à musicalidade das movimentações — corpóreas e de pensamento — do homem",

Amanda Vital,
poeta e editora

Maurício Simionato é poeta e jornalista. Lançou os livros de poesias *"Impermanência"* (2012, selecionado pela Secretaria de Cultura de Campinas) e *"Sobre Auroras e Crepúsculos"* (2017, Multifoco), este último lançado na Bienal de Literatura do Rio/2017.

OMBUDSMAN

Nuno Rau

A CRÍTICA ESTÁ MORTA, MAS RESPIRA RELATIVAMENTE BEM (ou: para o que olhamos, e como olhamos?)

Um recente e nada feliz episódio envolveu o exercício da crítica e tem muito a dizer sobre quão tênue é o ponto em que estamos. O crítico Luiz Maurício Azevedo publicou uma resenha sobre o livro de um autor negro, caracterizando o trabalho como “literatura ruim”, e fundamentando tal juízo. Luiz Maurício é um intelectual negro e passou a sofrer ataques de milícias digitais, inclusive ameaças de morte: inconcebível que um crítico negro faça uma análise com rigor e, sobretudo, sem condescendência, de autor ou autora também negros. O mundo é desigual, as oportunidades, assimétricas, a meritocracia não passa de uma lenda inventada propagada pelos que têm meios, e o preconceito de várias matrizes segue ululante por aí, não raras vezes sem pudor de expor sua fisionomia podre; contudo, qualquer condescendência com a produção da arte nos empurra para o empobrecimento do debate estético imprescindível até para mudar o mundo acima descrito. Importante ressaltar também que manifestações assim, além de ferirem a autonomia da crítica, afastam muitas pessoas do exercício que é pensar sobre literatura, pelo receio do cancelamento, uma prática, no geral, daninha e antidemocrática – não será demais esclarecer que não me refiro aqui a opiniões preconceituosas e sem lastro, o que vemos por aí não raras vezes, que devem ser respondidas e problematizadas.

Tenho algumas hipóteses para o eclipse da crítica, e não cabe aqui descrevê-las, apenas dizer que uma delas é o receio do confronto em um mundo em que fatos como o reportado não são exceção, o que dá uma certa nostalgia do não vivido quando lemos Antonio Candido, Sérgio Buarque de Holanda, o implacável Mário Faustino, que, em suas análises de livros e autores na página Poesia Experiência, do *Jornal do Brasil*, falava sem meias palavras e sem chapa branca sobre o bom e o ruim a seus olhos, e com fundamento.

Resolvi começar a aventura temerária que é ocupar a função de ombudsman de **RelevO** por esse assunto movido pelo editorial de fevereiro de 2002, que define, muito a propósito,

a tarefa de editoras e editores como delicado e complexo exercício crítico. Também quixotesco, o que os editores devem considerar um elogio, já que este ombudsman nutre um nada secreto amor pelas pessoas que investem com todas as suas forças contra moinhos de vento.

Partindo desse olhar, ao ler os textos, contos e poemas selecionados para a edição, uma pergunta que sempre me ocorre marcou presença de novo: para o que olhamos quando estamos escrevendo? e como olhamos? Essas questões, aparentemente simples, constituem um dos pontos nevrálgicos da atividade de quem escreve. A quem isso importa? Não sei, ao certo. Na sociedade capitalista tudo é convertido em mercadoria, com exceção da poesia (quase sempre, porque mesmo os livros editados em pequenas editoras acabam virando objeto de escambo e fugindo à lógica mais estrita do mercado), e da ficção (uma parte, a que não consta dos catálogos das grandes editoras, pelo mesmo raciocínio). A poesia e certa prosa acabam resistindo, mas não sem pagar um pesado tributo: o da intransitividade social. Quem lê, afinal? Editoras e editores leem, por dever de ofício, em geral escolhido também por prazer, e fiquei pensando nos quase mil textos lidos, como exposto no Editorial, para extrair 50 dos quais foram selecionados os publicados: dois poemas, cinco contos, duas traduções (uma coletânea de poemas e um poema isolado).

Começando pelas traduções, foi uma alegria ler poemas de William Carlos Williams, poeta do corte e da síntese, e Joyce Mansur, com seu incêndio surrealista embebido de micro e macropolítica. Dos demais textos, preciso confessar que senti certo estranhamento pelo fato de sua quase totalidade ter como temática o campo – vasto e variado – das relações interpessoais; deles, me aproximei e afastei em proporções variadas. Tenho como premissa que, para escrever sobre um tema já muito percorrido, é preciso uma abordagem original, é preciso não cair nas armadilhas do lugar comum, ou, por outro lado, extrair do lugar comum a sua potência máxima, o que não é nada simples.

Não se trata de defender uma literatura política *strictu sensu*, o que seria, no mínimo, ingenuidade, posto que tudo é político, inclusive o amor.

A questão aqui pode ser mais bem referida pelo título mesmo do Editorial: “Saber ser novo, saber ser atual”. Impossível não lembrar do ensaio seminal de Agamben, *O que é o contemporâneo?*, em que, partindo do pensamento de Nietzsche e de um poema de Ossip Mandelstam, o filósofo reflete sobre a relação possível e necessária de cada um com seu presente. Pensando com Nietzsche quando afirma que “pertence verdadeiramente a seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões, e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas exatamente por isso, exatamente por através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo”, ele conclui afirmando que “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para perceber não as luzes, mas o escuro”. Por essa via, me pergunto sempre, e de novo: para onde olhamos? Os séculos que nos precederam foram campos de conflito, e esse 21 não parece diferir em nada, com seus enfrentamentos socioeconômicos trágicos, o avanço violento do neoliberalismo, o campo da cultura envolto em contradições, sendo a literatura muitas vezes imersa e paradoxalmente propalando o sistema que negaria e que, em tese, proporia diverso, como aconteceu com boa parte da produção modernista.

Um jornal de literatura como o **RelevO** deve levantar essas questões, em quem o lê, elas não são realmente simples e se ligam a nossos estar agora e aqui. O que vocês acham, *companheir_s* de viagem no **RelevO**?

Aproveito para agradecer o convite do editor do periódico, que constitui uma grande oportunidade de exercer um olhar sobre a produção contemporânea, e mais ainda pela autonomia que, muito eticamente, o jornal confere aos que ocupam esta função.

APOIADORES



solteoverbolinguas.com



Traição a princípio

Rodrigo Neves

Pedro Alberto era um esposo fiel. Tinha uma adoração patética pela esposa. Vivia e fazia tudo por ela. Casaram-se ainda jovens, ele, 22 anos, ela, 14 anos. Estava grávida. Dez anos depois tiveram o segundo filho, ambos meninos. Amava-a. Certo dia, seu amigo Valdemar chamou-o para beber, na sua casa, um bom e velho chope. A princípio não aceitou. Pedro Alberto se embriagava até com água mineral gelada. Não suportava sentir o cheiro, já ficava embriagado. Com muito esforço e luta, aceitou, mas frisou: “apenas um, hein? Só um!”. Pois bem. Às 19 horas chegou à casa de Valdemar, e já foi recebido com um copo de chope geladíssimo, frisou novamente: “só um, hein!”. Valdemar, risonho e frontal: “deixa de conversa! Beba isso e cale a boca!”. Foram um, dois, três, nove copos. No décimo copo perdera a sua timidez, vergonha, escrúpulos, caráter, tudo. Esquecera até que era casado e tinha filhos. Levantou-se da cadeira, andou cambaleando em direção à irmã de Valdemar, que estava, distraída, comendo churrasco, e desferiu-lhe uma forte e gostosa bofetada nas nádegas. Ela sem entender nada. Ele, baixa voz no seu ouvido:

— Estás gostosíssima! Não queres ficar comigo? Já pensou tua boca na minha?

Sem pensar. Virou e bofetou com ferocidade a face de Pedro Alberto, berrando:

— Seu cretino! Não respeita sua mulher!

E ele, ébrio:

— Mulher? Sou livre! Não tenho mulher!

Valdemar interveio:

— Vamos, vamos embora! Já deu!

Jogou o amigo no carro e foi levá-lo

até em casa. Teve que tirá-lo do carro e, ainda, carregá-lo nos braços até o sofá. A esposa quis saber o que houve, mas Valdemar, na sua cumplicidade, não disse nada. Deixou o amigo e foi embora. No outro dia acordara com uma dor de cabeça de outro mundo, pensava que ia morrer:

— Vou morrer de tanta dor!

Foi dormir novamente.

Vergonha

Acordou com o telefone berrando na sua orelha:

— Alô, alô!

— Que papel, hein, Pedro? Que papêlo.

Com dor de cabeça, apertando a cabeça:

— Pare de gritar! Fale mais baixo.

Estou com uma dor de cabeça dos diabos!

— Falo é mais alto. Que baixaria que você fez em minha casa! Minha irmã caçula! Tenha dó.

— Não estou entendendo do que está falando. Seja mais claro!

Indignado:

— Mais? Tu agarras minha irmã e, agora, quer que eu seja mais claro?

Com as mãos na cabeça:

— Agarrei tua irmã? A caçula? De dezessete anos?

— Não só isso. — Muda de tom. Baixa voz —: Ainda tentou beijá-la na boca. Na boca!

Incrédulo:

— Meu Deus! — Mudando de tom: — Minha mulher não pode saber disso, ouviu? Nem em sonho. Eu amo minha mulher! Sou louco por ela! Sou capaz de matar por ela, ouviu? Matar! Matar!

Ponderando:

— Se depender de mim, ela não saberá de nada. Nadinha. Palavra de honra.

Apelando:

— Por Deus! Por Deus!

Pedro Alberto mudara completamente de comportamento. Evitava a esposa em todo lugar. A vergonha do caso passado o consumia como lepra. Dizia de si para si: “se minha mulher soubesse disso... Nem brincando!”. Sublinhava: “Foi o álcool. Eu amo minha mulher!”. Evitava a casa do amigo de tudo que é jeito, inventava isso, aquilo. A mulher interpelava:

— Vamos. Quero tanto vê-la.

— Hoje, não! Estou de serviço até o bigode! Até o bigode!

Insistia:

— Se não for, eu vou sozinha!

Mudando de tom. Trêmulo e áspetro:

— De jeito nenhum! Sem mim você não vai!

— Que mania! — Faz a constatação: — Ficou assim depois daquela bebedeira!

Saindo. Desconversando:

— Assunto encerrado.

Em pensamento, de si para si: “valha-me Deus! Se ela souber de alguma coisa...”. De fato, Laura (sua esposa) ficara com a pulga — várias pulgas — atrás da orelha, então, resolveu ir até à casa de Valdemar para saber o que aconteceu para deixar Pedro tão estranho.

Bofetada nas nádegas

Bate na porta:

— Sou eu, Laura!

Valdemar abre a porta. Assustado:

— Laura? O que faz aqui?

— Posso entrar?

Envergonhado: — Mas claro. Entre.

Sentou-se. Contou para Valdemar o que estava acontecendo com o marido. Falou do comportamento estranho, que estava evitando o beijo, etc., etc. Foi listando os fatos: que, depois da noite de bebedeira, Pedro já não voltara o mesmo. Respirou profundamente e, levantando a fronte, fez a pergunta frontal: “pelo amor de tua mãe, o que aconteceu com Pedro? Me diga!”. Ele, lembrando de sua fidelidade ao amigo: “olhe”. Pausa. Laura, levanta, quase chorando, implora:

— Valdemar, por favor, só quero a verdade!

Fiel e formidavelmente canalha:

— Não lhe digo nada. Pois sou amigo de teu marido, mas minha irmã sabe de tudo. Pergunte a ela.

Chama a irmã. Ela vem, quase que instantaneamente. Usava uma blusa, sem sutiã, que deixava os biquinhos dos seios levemente perceptíveis. Já tirava a conclusão para si: “me traiu com essa fulana. Aposto que foi pelos seios durinhos!”. Foi frontal:

— Por mais que me doa, quero a verdade! Toda a verdade.

Sem pigarrear, sem titubear, sem piscar:

— O teu marido é um sem-vergonha! Me deu uma bofetada nas nádegas — que está roxa até agora. Queria coisa comigo. Parece que não se enxerga. Um grosso. Um sem-caráter, isso, sim! Teve a cara de pau de querer me beijar. Dei foi uma bofetada na cara dele. — Sublinhava: — Um tapa foi pouco! Um monstro!

O irmão ponderava: — Não sejamos tão duros. Ele tinha bebido.

Quase apanhou. Laura saiu de lá arrasada. Chorava. Foi embora com a cara no chão. Não acreditava, de si para si:

“não pode ser. Só pode ser um pesadelo!”. Chegando a casa, Pedro estava no banho.

Confissão

Quando saiu do banho, Laura já o esperava sentada na cama. Maquiagem toda borrada de tanto chorar. Pedro já previu o que ocorreria. Laura o questiona:

— Por quê? Diga? Por que me traiu?

— Calma, meu amor. Eu posso explicar. Não é.

Interrompendo. Mais agressiva e mais desfigurada:

— Fala. É por que ela é mais jovem? Toda durinha?

Tentou amenizar a situação. Queria mentir, dizer que era tudo mentira, que queriam destruir o seu casamento, mas não sabia mentir. Sua honestidade era bestial. Foi tomado pela verdade nua e desesperada. Vacilante:

— Exatamente. Não resisti. Quem resistiria àqueles seios? Nenhum padre!

— Frisava: — Nenhum padre! Nenhum padre!

Choro descontrolado:

— Ainda admite?

— Eu podia até. Você sabe. Mas eu amo você. Não amo ninguém se não você.

Não acreditou nas palavras de Pedro. Foi taxativa:

— Eu podia pedir o divórcio, sabe?

— Sublimando: — Por muito menos já vi um homem sair sem nada do casamento. Sem roupa! Podia fazer o mesmo com você. Deixá-lo sem nada, sem um níquel!

Ele, pedindo piedade:

— Não, por favor. Me perdoa! Perdão! Isso nunca mais vai acontecer! Eu prometo!

Deliciosamente satânica, piedosa e cruel:

— Dessa vez vou deixar passar. E que isso não se repita, ouviu? Que não se repita! Faço tudo por você e me faz isso? Que não se repita! Não se repita!

Beijava os pés da esposa. Amava-a desesperadamente. Foi apenas um deslize alcoólico.

O princípio

Concedido o perdão divino, Laura entrou no banheiro. Foi tomar um banho. Um banho de Cleópatra. Vestira a roupa com uma delicadeza de flor. Perfumara-se da cabeça aos pés. Avisou ao marido que saía, mas voltava logo: “não me demoro! Coisa rápida!” Tomou o táxi. Desceu cinco minutos depois em frente a uma casa azul-marinho. Não bateu nem nada. O dono da casa veio alegre e preocupado a recebê-la, baixa voz:

— Oi, meu amor. Por que demorou tanto? Já estava preocupado.

Beijando na boca:

— Você nem imagina. Não vai nem acreditar. Acredita que o meu marido estava me traindo? Acredita?

Espantado. Pausa. Continua:

— Veja só. Parecia tão sério. Ninguém conhece ninguém. Eu era capaz de colocar a mão no fogo por aquele corno.

Rindo e dando tapas no peito do amante:

— Pode parar. A menina era mais nova. Com tudo em cima.

— E o que vai fazer? — Com medo: — Vai se separar?

Transfigurada com toque de depravação:

— Não mesmo. Jamais.

Aturdido:

— Não estou entendendo.

— Meu Deus! Vocês homens não entendem nada. Qual a graça de não ter marido? Não faz sentido ter um amante sendo solteira. Não tem perigo nenhum. A mulher fica muito sem graça sem um marido. Sem aquela culpa prazerosa.

Voltou para casa. Pedro Alberto, dominado pela culpa do princípio de traição, dormia no chão da sala.

Acontece nos livros



 @noslivros

 /acontecenoslivros

 acontecenoslivros@gmail.com

 /acontecenoslivros

 @acontecenoslivros

recorte aqui ✂

vi este haikai e lembrei de você!

apenas estando aqui,

estou aqui,

e a neve cai.

—Kobayashi Issa

de: _____ para: _____



portal
**fazia.
poesia**

em março de 2022
o portal Fazia Poesia completa
6 anos de existência.

pensando nisso, criamos este
anúncio no qual você pode recortar
e presentear alguém que goste.

para mais coisas legais tipo essa, acesse
faziapoesia.com.br
@faziapoesia



Por outro lado

Maria Cristina Martins

*Let me hear you
depoliticize my rhyme
Le Tigre*

ana cristina César diz que não suporta perfumes
eu também não
ana cristina César se matou aos 31 anos
já eu sou teimosa como loukanikos
o cão grego anarquista de 2011
mas hoje os perfumes estão muito fortes

por outro lado há uma imensa preguiça de ter que dar explicações
de ter que listar numa carta todos os motivos
de não poder rebater os julgamentos
(ainda me apego à preocupação estúpida de ser compreendida)
– Muito elétrica pra ser suicida
falta-me concentração para escolher a melhor forma
data, hora, local
um método indolor

por outro lado não se faz necessário
ando absorta e distante
catando estrelas de dia e no chão
com os sapatos trocados
– Não o modelo, mas os lados

espero o acaso
a violência da cidade
a polícia num ato
uma bomba na testa
uma queda
alguém triste por uma semana

por outro lado sou esquisita pacas
um gongolo que invade a casa e morre cedo
quando se vê, já está morto



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

Virgínia

Fernanda Mellvee

Conheci Virgínia à beira da praia. Ela andava sozinha e sem pressa pela areia desabitada. Quando passou por mim, mais do que o corpo, um corpo jovem e esguio, seus olhos chamaram a minha atenção, não tanto pelo verde exorbitante, mas pela expressão raivosa, como se despejassem sobre mim o ódio destinado a todos os homens do mundo — todos os homens condensados em mim. Nunca mais voltei à praia depois daquele verão.

— Você não é daqui? — Ela me perguntou quando desviei os olhos.

— Não. E você?

— Não te interessa.

Virgínia respondeu sisuda e depois caiu numa gargalhada que foi impossível não acompanhar. Nesse dia começou a nossa amizade que durou quase até o final da temporada. — Você é engraçado. — Ela sempre repetia.

As visitas de Virgínia à casa que eu alugava ocorreram em todas as tardes que seguiram. Às vezes ela falava muito, conversava sem parar sobre tudo. Sobre tudo, menos sobre si. Em poucos dias ela descobriu

que eu tinha sido traído pela minha mulher e que estava pensando em deixar o meu emprego para comprar uma casa na praia e quem sabe até ser dono de uma pousada.

Quando não passávamos a tarde na varanda, apenas olhando o mar — Virgínia também possuía a habilidade de não dizer nada durante horas —, saíamos para andar pela praia. Acumulávamos guaritas vazias em nosso caminho, ela não se cansava nunca. Nos fins de tarde, quando o sol já não tinha tanta força, eu me divertia vendo os cabelos golparem seu rosto como cordas. Nessas horas eu aproveitava a minha vantagem para apostar uma corrida, que ela quase sempre vencida. Em suas poucas derrotas, Virgínia se jogava de cara na areia e ria até ficar sem ar, um pouco antes de ir embora.

As despedidas de Virgínia eram sempre do mesmo jeito: antes do anoitecer, ela anunciava sua partida e ria de mim quando eu perguntava para onde ela estava indo. Virgínia sempre me dizia para não a esperar no dia seguinte. E sempre voltava.

Numa dessas despedidas, aproveitando que o seu olhar parecia mais ameno do que nos outros dias, eu disse a ela:

— Você volta sim e sabe por quê? Porque você está apaixonada por mim.

Ela gargalhou, como de costume, e saiu correndo. Mas antes pude enxergar o vermelho naquele rosto escuro.

— Eu, apaixonada? Prefiro morrer! — De longe, ela gritou.

Gritou e correu em direção ao mar, jogando-se na água sem se importar com o entardecer, que naqueles últimos dias de fevereiro tinha ares de outono. De longe pude ouvir que ela ainda ria. Às vezes, quando estou sozinho, ainda ouço aquela gargalhada. Fiquei observando Virgínia voltar pelo caminho que sempre fazia, mas naquele fim de tarde ela costurou as ondas.

Passei os últimos dias das minhas férias me culpando pela brincadeira idiota que havia espantado Virgínia. Na última vez que a vi foi na tarde em que passou de cabeça

baixa em frente à minha casa. Cheguei a duvidar de que fosse mesmo a minha Virgínia aquela moça que caminhava devagar, com uma saída-de-praia branca — um dia, sorrindo, ela havia me ensinado que aquilo era uma saída-de-praia e não um vestido de renda — que cobria quase o corpo inteiro.

Uns três dias depois voltei à praia para me despedir do mar e tentar a sorte de me desculpar. Procurei pela tarde aqueles olhos verdes em todas as morenas que cruzaram o meu caminho. Segui o rastro de todas as rendas, até encontrar a saída-de-praia estendida à beira-mar, como uma rede abandonada pelo pescador.



PUBLICIQUE no RELEVO



conto • crônica • poesia • ensaio • artes visuais • entrevista



Mande-nos um e-mail ou mensagem telepática (se souber as manhas).
contato@jornalrelevo.com

RelevO

Rinha de Especialistas

Em uma época complicada, quando os dados são o petróleo; e a verdade, um nevoeiro de coliformes fecais, é crucial buscar a resposta de especialistas para as perguntas difíceis. Para tanto, sempre prezando pela técnica e pela precisão, o **Jornal RelevO** foi atrás dos maiores especialistas para elucidar as grandes questões contemporâneas e – também prezando pelo dinamismo – embaralhou todas as perguntas, demonstrando que, uma vez especialista, sempre especialista, e vice-versa.

P: O que são NFTs? O que é o metaverso? Estou perdendo dinheiro com criptomoedas?

Quem responde: Sônia Abramovic, astróloga, taróloga e professora de levitação.

R: Tudo é tudo; nada é nada. Criptomoedas, NFTs, pendrives: tudo isso é fluxo de energia, e a energia somos nós. Todo começo é um fim, todo fim é um começo e todo meio é, acima de tudo, outro meio. Talvez você esteja perdendo dinheiro, mas dinheiro não é tudo nessa vida e, principalmente, também não é nada. Você precisa entender – pega uma carta – você precisa entender que sua carta é O Enforcado e, bom, paciência. Não, não *esse* paciência, amigo; não com esse baralho. Mas acho que essas criptomoedas são bacanas sim, principalmente para quem é Capricórnio com ascendente em Touro.

P: Como fazer um whiskey sour perfeito?

Quem responde: Juba Kraka, professora de Relações Internacionais.

R: Hm, pergunta estranha. Olha, o melhor whiskey sour que já tomei foi em Trieste, no norte da Itália, adaptado por Lambrusco Fidelis, um gênio da gastronomia, da coquetelaria e, curiosamente, do fliperama. Infelizmente, o sr. Fidelis veio a óbito de forma surpreendente ao infartar enquanto disputava uma final regional de *Street Fighter*, da qual viria a ser declarado campeão póstumo – para desespero de Tony Gandolfa, o outro finalista e eterno rival de Fidelis. Revoltado, Gandolfa incendiou uma fábrica e fugiu para a Irlanda, acarretando um conflito internacional duradouro que tive o prazer de analisar em meu mestrado, em 2003.

P: Por que os técnicos do meu time sempre usam três zagueiros?

Quem responde: Dra. Íldico Tamarindo, bióloga, pesquisadora e doutora em microbiologia.

R: Olha, essa é fácil. Primeiro, é preciso seguir os protocolos e ter todos os cuidados epidemiológicos, principalmente se o seu time parecer uma doença que diminui sua imunidade à medida que você se expõe a ele. Sabemos que a imunidade baixa é fator de risco e agente facilitador para inúmeros hospedeiros. Uma defesa biologicamente mais resistente pode evitar herpes, coriza e gol de chuveirinho. Dito tudo isso, acredito que os técnicos devam, acima de tudo, lavar as mãos. Sobre os três zagueiros, faltam-me dados, mas não acredito que se trate de uma epidemia.

P: Podemos considerar que a pandemia da Covid-19 acabou? Há riscos de surgir alguma nova epidemia perigosa? Existem armas biológicas sob o controle de governos?

Quem responde: Paulo Faria, investidor; +419% de alfa no portfólio no 4T21.

R: Salve! Mêo, vou desenrolar uma fita pra você: a pandemia foi uma operação, melhor, uma oportunidade de ver se o meu B2B estava bom. Acho que se eu contar minha rotina, cê vai entender, mestre. Eu começo a minha semana fazendo um cafezão reforçado, batendo uma laras, tomando um bom banho, ouvindo meu podcast preferido de negócios, aí vou briefar. Briefar muito. Sem briefar não tem futuro, tudo passa por comprar na baixa, vender na alta, saber o momento de startar ou de stopar, dar aquele descanso pra brêja. No *home broker* não tem Covid. Seu corpo é o seu *commodity* e tem aquela teoria do cisne lá né, tudo muda, às vezes você tá em Trancoso curtindo com uma gata, outro dia tá curtindo um bar de areia na Pinheiros, mais de leve, com teus parças, especulando umas gata, convidando pra dar um rolê em Ibira. Tem que entender o *flow*, curtir, às vezes é preciso assimilar o *downsizing*, mestre. Partiu investir?

P: O que acontecerá entre Rússia e Ucrânia?

Quem responde: Pepeco, ex-jogador de futebol, preso três vezes por dívida de pensão alimentícia, duas por lavagem de dinheiro e uma “só por zoeira mesmo”.

R: Bicho, não acredito nessa balela aí de ataque posicional. Que me desculpe Guardiola, Klopp, Sampaoli, a gente chupa ovo desses cara que não dura duas horas aqui em Diadema, no nosso Metropolitano. Tem que ter raça, vestir a camisa, mas fazer o feijãozinho com arroz também, vai querê que o Dudu volte pra segurar armas!? Cada um tem as suas características, pô. Tem jogadô que tá há 20 ano nisso aí e não sabe cruzá, vai sabe atirá!? Sei lá como que a Rússia vai atacar, mêo. Coluna do meio: aposto num empate sem gols. Um abraço pro Craque Neto!

P: Quando o preço dos combustíveis vai parar de subir?

Quem responde: Rhuan Sandero, cantor de música sertaneja.

R: Ahuuuuuuul, ah, late, cachoorro! Minha mulher viajou, não sabe que eu tô aqui, ela acha que eu tô em casa, quando ela piscou, já chamei os amigos pra balada, aqui tá cheio de gata, os carros tudo rebaixado, deixamos no vallet, tanque cheio, som torando, hoje vamos tudo cercar o porco, não tem essa de escorpião no bolso; manda descer o Jack, coloca o capacete que lá vem pedrada, só tapão na rrrraba dessas malvada, amanhã a gente explica que o celular descarregou, ahuuuuuuuuul! [cantando] “O meu tanque tá cheio / O meu tanque tá cheio / Enquanto tu troca a marcha eu acabo com teu freio”.

P: O que fazer para amenizar Mercúrio retrógrado?

Quem responde: Dr. Acelino Géiser, astrônomo.

R: Ah, vão [inaudível]. Sabia que tinha sacanagem envolvida, seus [inaudível] de prolapso retal. Jornal literário é meu [inaudível]; suco de porra; frapê de catarro. Vão tomar no [inaudível]; e o verme do seu [inaudível] também, aquele zé [inaudível]. Eu vou matar teu cachorro na frente dos teus filhos, seu [inaudível].

P: Alguém ainda lê jornal impresso?

Quem responde: Walter Olímpio, bicheiro.

R: Ihhh, só o pessoal do 24!

Passeio musical de Concorde

Há alguns meses, na edição de janeiro, fizemos uma digressão a respeito do lançamento de um quarto filme *Matrix*. Tratamos de “globalização e uma ideia otimista de mundo digital” por meio do músico japonês **Towa Tei**, mais especificamente na música ‘Technova’.

Pois bem, achamos ou fomos achados pela globalização otimista absoluta em forma de disco. Refiro-me ao álbum *Jet Sounds* (2000), do italiano Nicola Conte.

Nele, testemunhamos um europeu fazendo seu *acid jazz* com influências do mundo inteiro, inclusive – e principalmente – do Brasil. Esse eletrônico suave resgata os anos 1960 (daí a clara influência da bossa nova) e os embebeda em doses eletrônicas de *negróni*, *rusty nail* e *bloody mary*.

Podemos falar em gêneros musicais (*acid jazz?* *Future jazz?* *Latin jazz?* *Lounge?*), mas é muito mais efetivo tratar de sentimentos.

– *Jet Sounds* é uma festa na piscina com gente bronzeada, coquetéis irrestritos, sem celulares e sem fila para qualquer banheiro.

– *Jet Sounds* é um clube sofisticado ao qual você não teria acesso na vida real.



E N C L A V E

a newsletter semanal do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

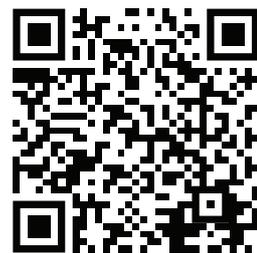
– *Jet Sounds* é um passeio de Concorde: um sonho encerrado; uma máquina do futuro vivendo no passado. (E adivinha o destino do primeiro voo comercial do Concorde: Rio de Janeiro!)

– *Jet Sounds* é uma relação tão confusa quanto prazerosa entre espaço e tempo (“chegue antes de partir”).

Próximo dos 30 anos, naturalmente carrego alguma saudade do início dos anos 2000 – até porque, convenhamos, chega de resgatar absolutamente qualquer coisa da década de 1990; está na hora de o passado virar a página.

Esse *zeitgeist* pré-11 de setembro (de que tratamos na edição 98 da Enclave e que agora encapsulamos na produção de Nicola Conte) também tem seu apelo por servir como oposto ao sentimento de fronteiras fechadas, desconfiança incessante, polarização política e mal-estar tecnológico com que nos habituamos nos últimos anos, por motivos diversos.

**Nicola Conte –
Jet Sounds (2000):**



**Para mais músicas
“passeio de Concorde”:**



ANOITECEU

Francis Hime – Vinicius de Moraes
 1966

Anoiteceu foi apresentada por Leny Eversong no II Festival da Música Popular Brasileira, em 1966. A performance aconteceu no Teatro Record de São Paulo e foi lançada no disco *Viva o Festival da Música Popular Brasileira*. Junto de *Lá Vem o Bloco*, a música foi uma das duas submissões de Leny Eversong à competição, ambas também lançadas como singles.

Após o sucesso do I Festival da Música Popular Brasileira da TV Ex-



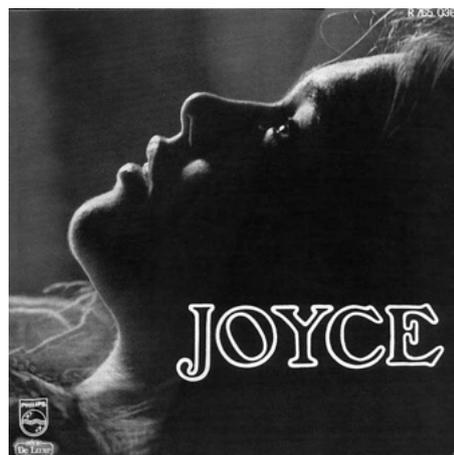
arranjada por Lindolpho Gaya.

Vinicius de Moraes aparentemente nunca gravou *Anoiteceu*. Já Francis Hime a gravou pela primeira vez em 1977, com uma versão que também seria usada na trilha sonora da série televisiva *Sinal de Alerta* no ano seguinte.



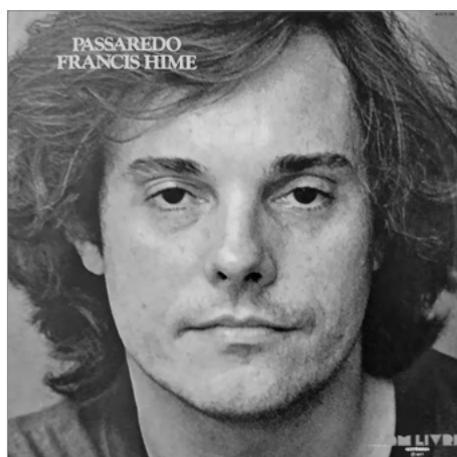
executada por Leny Eversong em frente a uma orquestra de arranjos exuberantes – não tenha triunfado, ela é considerada uma das melhores músicas de Francis Hime.

Anoiteceu logo foi usada pelo Zimbo Trio no ano seguinte como faixa de abertura de seu brilhante disco *É Tempo de Samba – Zimbo Trio e Cordas*. Joyce Moreno também escolheu *Anoiteceu* como faixa de abertura de seu álbum de estreia – autointitulado, de 1968 –,



celsior, em 1965, e de sua canção vencedora, *Arrastão* – escrita por Edu Lobo e Vinicius de Moraes e interpretada por Elis Regina –, várias estações de TV queriam apresentar seus festivais de canção. Em 1966, foi a vez da TV Record: de um total de 2.635 músicas enviadas, 36 foram selecionadas e interpretadas por artistas como Geraldo Vandré, Hebe Camargo, Elizeth Cardoso, Chico Buarque e Maysa.

Embora *Anoiteceu* – lindamente



RelevO apresenta **Brazilliance**:
 a música do mês para o conhecedor sofisticado!
 Ouça as gravações por meio do código
 QR ou conheça a canção nº 26 no
BRAZILLIANCE.wordpress.com



Christina Arguiera lança *Essência do Som*, o primeiro disco nacional fumável

Na festa de lançamento de seu debut, a jovem capixaba alerta: “Não pode tragar”.

Shows, *lives*, propagandas de amaciante: de que vivem os músicos hoje? Christina Arguiera, 21, nascida na bela Cariacica, tem uma resposta na ponta da língua. Aliás, literalmente, pois uma tosse duradoura, movida por ingestão involuntária, impede a garota de responder à pergunta de imediato. “Essa piteira tá zoada”.

Já composta, Christina repõe a essência do narguile sobre a mesa, sua única exigência para a realização da entrevista. “É de banana tropical, dá uma bola aí”, ela oferece, genuinamente interessada pelo retorno alheio.

Seu primeiro narguile – o famigerado narguilé, arguile, *shisha* ou *hookah* – veio aos seis anos, direto do Paquistão. Uma encomenda de seu pai, cujo trabalho Christina pouco explica, mas indica com alguma relutância se tratar de um colaborador da CIA. “A gente cresceu meio noiado”. Era um narguile diminuto, tamanho infantil, colorido e com gosto único de chocolate – ela o chamava de Nescau e o dividia com seu irmão mais novo, que, infelizmente, não pode ser mencionado na entrevista por motivos de sigilo investigativo. “O Marc... meu irmão foi por outro caminho”.

Christina relata ter vivido sua grande epifania aos 15 anos, quando, em um aniversário protagonizado pelo uso do karaokê, não conseguia performar diante dos colegas, mesmo dominando a técnica vocal. Aterrorizada pelo mico em um contexto tão sensível da formação, ela *puxou* aquilo que seus amigos lhe ofereciam. Naquele momento, a pequena Cris mudou para sempre. O apelido surgiu ali mesmo, assim

como uma nova releitura de ‘É proibido fumar’.

Da mangueira ao microfone

Desde então, e com apenas três visitas do Conselho Tutelar no currículo, a música é a base de sua vida: seu corpo sustenta um soprano potente; essa voz que, como uma mangueira, conecta o conteúdo do forninho para despertar notáveis sensações humanas. “Nunca fumei um cigarro – essa praga – na minha vida inteira”, Arguiera desabafa. “Outra coisa que busco trabalhar na minha arte é que não existe relação entre mandar um nargas e ter vontade de fazer cocô”.

Com *Essência do Som*, prestes a ser lançado pela gravadora Carvão e já disponível no *streaming* Tragada, ela pretende desabafar ainda mais: “esse disco é a minha vida”. Não por acaso, trata-se do primeiro disco fumável – “de verdade, não como desespero de cracudo” – da história nacional. Basta depositá-lo na cabeça do narguile e puxar, sempre respeitando que (1) quem faz o rosh tem direito à primeira puxada, (2) quem acende o carvão dá a segunda puxada e (3) quem prepara as bebidas é o terceiro a puxar.

Espontaneamente ou para promover seu material, Christina está organizando a I Marcha Contra o Cigarro Elétrico, embora a cantora seja acusada por detratores de ter se aliado à indústria tradicional do tabaco. “Mas, Christina, por que lançar um disco fumável?”, perguntamos.

“Você é burro? Pra eu poder fumar, oras.”



de boi

Maria Clara Viana

desloca o ombro
 quer saber o nome real dos astros
 pois esperei o pior
 da melhor pessoa
 mas serviram hambúrguer na conferência
 ambiental hambúrguer de boi
 não suporto mais
 a sua admiração por charutos nada
 nada profissional pelo amor
 de deus esqueça os charutos
 ainda que nossa idade fosse
 mais que um predicado
 seríamos jovens ridiculamente
 jovens



O último romance de Victor Hugo

Uma obra prima sobre o período do Terror na Revolução Francesa. Romance há décadas fora de catálogo, finalmente à venda na Amazon e principais livrarias online. Saiba mais no nosso site: www.noventaetres.com

VICTOR HUGO
noventa e três
editora



A Orquestra dos Inocentes Condenados, de Milena Martins Moura, totalmente concebido durante a pandemia da Covid-19, trata dos impactos mentais do isolamento social sob a perspectiva da neurodiversidade.

venha rápido pois tenho pressa
 tenho uma pedra
 então entenda
 o mergulho nessa água escura
 é um risco
 que eu só vou aprender a viver
 depois do salto
 um risco é o que se corre
 e eu tenho pressa
 meus braços são tão fracos
 e eu tenho pressa
 mesu olohs tmê falhaod
 e eu tenho me evitado
 no reflexo do poço
 eu tenho pressa
 da palavra pesando meu corpo
 de levantar os olhos e ver
 e ver
 cada silêncio é uma imagem a menos
 então venha rápido
 antes da próxima maré
 que nessas águas repousa a coisa morta
 que se perdeu de mim durante a última
 música

Milena Martins Moura
 Editora Primata

Disponível pelo site da Editora Primata
 (www.editoraprimata.com/).

A Orquestra dos Inocentes Condenados

poesia

ISBN: 978-65-88866-57-3

102 páginas

R\$ 35



Paul Éluard

Traduções de Henrique Nascimento

Vaca I

Não se conduz a vaca
Por grama seca e rasa,
Por grama sem carícias.

Relvado que a receba
Deve ser macio como um fio de seda,
De seda suave como um fio de leite.

Mãe esquecida,
Para as crianças, isso não é a comida,
Mas leite sobre a relva.

A relva em frente à vaca,
A criança em frente ao leite.

Vache I

On ne mène pas la vache
À la verdure rase et sèche,
À la verdure sans caresses.

L'herbe qui la reçoit
Doit être douce comme un fil de soie,
Un fil de soie doux comme un fil
de lait.

Mère ignorée,
Pour les enfants, ce n'est pas le déjeu-
ner,
Mais le lait sur l'herbe

L'herbe devant la vache,
L'enfant devant le lait.

Gato

Pra passar um só dedo nele,
O gato é um bicho grande à beça.
Sua cauda alcança sua cabeça,
Ele gira neste círculo,
E devolve a carícia.

Mas, à noite, o homem vê seus olhos
Cujo palor é o único dom.
São muito grandes para que os esconda,
Pesados para a brisa perdida do sonho.

Quando o gato dança,
É para isolar sua prisão,
E quando ele pensa
É rente ao muro dos seus olhos.

Chat

Pour ne poser qu'un doigt dessus
Le chat est bien trop grosse bête.
Sa queue rejoint sa tête,
Il tourne dans ce cercle
Et se répond à la caresse.

Mais, la nuit, l'homme voit ses yeux
Dont la pâleur est le seul don.
Ils sont trop gros pour qu'il les cache
Et trop lourds pour le vent perdu
du rêve.

Quand le chat danse
C'est pour isoler sa prison
Et quand il pense
C'est jusqu'aux murs de ses yeux.

BENFEITORIA.COM/LAMBREQUIM2   /lambrequimcultural



Porco

Com o sol sobre seu lombo, o sol
sobre a barriga,
A cabeça balofa e imóvel
Como um canhão,
O porco lida.

Porc

Du soleil sur le dos, du soleil sur le ventre,
La tête grosse et immobile
Comme un canon,
Le porc travaille.

Galinha I

Que dó! Irmã, bocó, bocó,
Não é por causa do teu canto,
Do teu canto pelo ovo
Que o homem te creê boa.

Poule I

Hélas! ma sœur, bête bête,
Ce n'est pas à cause de ton chant,
De ton chant pour l'œuf
Que l'homme te croit bonne.

Homem útil

Não podes mais trabalhar. Sonho,
Mãos abertas, olhos abertos
Entre o deserto,
Entre o deserto brincas
Com os animais — estes inúteis.

Depois da ordem, depois do caos,
Nos campos planos, nas matas ocas,
Pelo mar vasto e claro
Um animal passa — e o teu sonho
Decerto é o sonho do repouso.

Homme utile

Tu ne peux plus travailler. Rêve,
Les yeux ouverts, les mains ouvertes
Dans le désert,
Dans le désert qui joue
Avec les animaux — les inutiles.

Après l'ordre, après le désordre,
Dans les champs plats, les forêts creuses,
Dans la mer lourde et claire,
Un animal passe — et ton rêve
Est bien le rêve du repos.

Fugir

A aranha veloz,
Pés e mãos de medo,
É chegada.

A aranha,
Contente com seu peso,
Fica imóvel:
Pêndulo no fio do prumo.

E quando ela avança,
Partindo todos os fios,
É a perseguição no vazio
Que é vital imaginar,

A coisa toda destruída.

Fuir

L'araignée rapide,
Pieds et mains de la peur,
Est arrivée.

L'araignée,
Heureuse de son poids,
Reste immobile
Comme le plomb du fil à plomb.

Et quand elle repart,
Brisant tous les fils,
C'est la poursuite dans le vide
Qu'il faut imaginer,

Toute chose détruite.

o conto azul

Dan Porto

preâmbulo

uma cidade qualquer, igual. a rua entre o prédio e o prédio do café, onde o narrador está sentado. da mesa habitual, zapeia o vidro em busca de história que lhe possa ser útil, nefasto treinador do circo de pulgas. examina. escolhe, tamanha a desfaçatez. para, de pronto, diante da tela azul, sem programação, até que:

Cena 1

o trânsito que fluía, para. do alto descem duas telas. tela zero: metade em preto, metade em branco. tela um: colorada.

Cena 2

os guardas ouviram o choro, quebraram o túmulo e lá encontraram o bebê, meio azul meio vermelho, movendo os pés e as mãos entre o esqueleto.

Cena 3

alguém despertará, um dia, no alto do prédio (que boa brisa, que barulho de ondas), se erguerá e verá a cidade tomada pela água.

Cena 4

tal uma formiga no labirinto, o homem anda para a frente e para trás, movido pela necessidade de comer, nunca olha para o céu nem para a terra, só vê asfalto asfalto asfalto, vidro vidro vidro, só cheira álcool álcool álcool, morte morte morte, só ouve apiiiiiiiito apiiiiiiiito

apiiiiiiiiito, mentira mentira mentira, só sente o me-do me-do me-do arder arder arder, e quando come, come come come, e só. quando exausto, para, está sozinho e vê mentira e come morte e sente o me-do me-do me-do mais arder arder arder. as outras formigas se enganam mutuamente, cortar cortar cortar, comer comer comer, cortar cortar cortar infinitamente. mas e... “não questione não reclame não sinta”. cortar cortar cortar, comer comer comer. apenas nós ouvimos o som noturno

do violino enquanto o homem se mexe no labirinto e, em câmera lenta, a cena se afasta.

Cena 5

cessou o choro tão logo o pegaram e nunca mais chorou. nem falou. a população não entendia, jornalistas de todo o país vieram investigar no cemitério, sem nada constatar. muitas mentiras foram contadas. tantas foram tornadas verdade. só a lenda permaneceu, “o homem nascido da morte”, já que o povo sempre encontra meios de imaginar a verdade e perfurar as histórias carimbadas com cera.

Cena 6

ele só conseguirá descer do décimo primeiro até o quarto andar. todo o resto estará inundado. poucas pessoas estarão

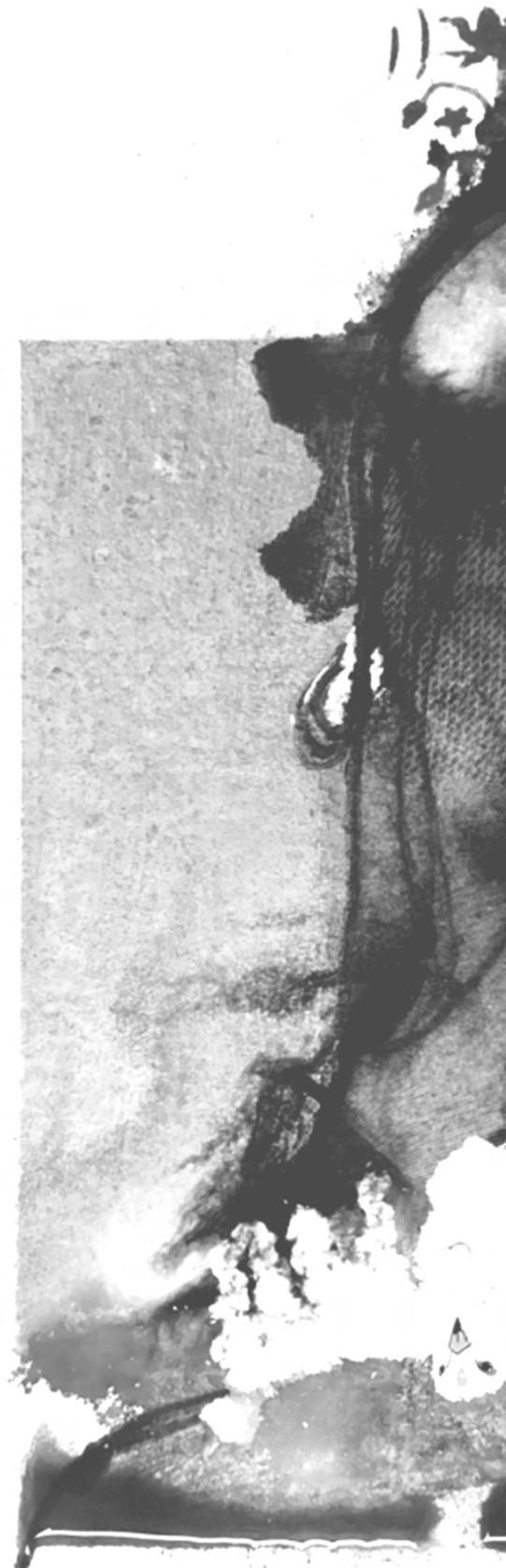
no prédio. domésticas, um velho aposentado, e as quase pessoas: os cães e gatos e peixes, iguanas, coelhos e patos, ratos e lhamas. o velho vai pretender esperar que a água baixe. as mulheres precisarão tomar suas conduções. construirão uma jangada com a porta do quarto e sairão em busca de comida, esperando ser atendidos nos poucos prédios cujas coberturas estarão fora d'água.

Cena 7

é dia e o homem anda para trás, volta tenta voltar acredita que volta. como anda, não olha em volta, não cheira, não ouve. anda como se disso dependesse o futuro, o seu, dos filhos, da humanidade inteira que ele ainda acredita que possui salvação. antes do próximo passo o choque: a tela em preto e branco se vira e se posta ao lado da tela colorada. e chove mundos por sobre a cidade, sobre aquela parte, sobre a tela em preto e branco.

Cena 8

crescera na igreja, com os padres. aprendera a ler, descascar batatas, até ria, ria sem som, ria ria ria, gargalhava silêncios nas madrugadas. só nunca falou palavra. fora isso, uma criança como as outras. chamava as meninas e os meninos para os fundos da igreja, matava moscas, colhia os donativos para a paróquia e até cozinhava a sopa noturna. aos fins de semana, enquanto os padres ficavam



bêbados, vomitavam e dormiam, perambulava dia e noite pela cidade.

Cena 9

a ânsia que sobrevirá diante da iminência da morte, só poderá levar as mulheres e os homens à loucura ou ao autocohecimento. daí que a força surgirá para quebrarem portas, construirão coisas, remarem. precisarão encontrar maneiras de sobreviver. até aí a manutenção do conhecido se torna mais importante do que o motivo. dos outros prédios as pessoas lhes acenarão, mas negarão ajuda recusarão ajuda. o temor de serem roubadas lhes impedirá de deixar seus apartamentos. assaltadas ou mortas. elas acreditarão que tudo voltará ao normal. restará a ele, então, assumir o controle da situação, pois sua esperança não é conversa com a delas.

Cena 10

a mulher rodopia. brilha, tal um beija-flor. as mãos escapam de dentro dela e seguram os pedestres pelo coração, impedindo que se batam ou escorreguem, sem deixar que se percam. a chuva bate sobre a antena de sua cabeça. o arco-íris que se forma toma conta da rua. em cada extremidade uma mão estendida, aberta em flor macia que abriga todas as dores e tristezas do mundo. antes de outra coisa, interrompe o giro, alegre-se ao olhar para trás e ver o arco-íris. a tela

escarlate se vira e se posta ao lado da tela em preto e branco. brilha o arco-íris só sobre a tela escarlate.

Cena 11

no dia em que fizera dezesseis anos dissera bom dia à mesa do café da manhã. e anunciou que partiria. atarantados, os padres pediram explicações e agradeceram a deus pai nosso senhor e quiseram saber como nascera e que destino pretendia tomar.

Cena 12

fará contas o homem, a bordo da jangada-porta-de-quarto. vinte blocos, quinhentas pessoas. instaurará restrição no consumo de água potável, uma rotina diária de exercícios físicos pela manhã, levantará a disponibilidade de alimentos e os dividirá irremediavelmente. remará o dia inteiro. encontrará outros remadores e dividirão a cidade em blocos numerados. “é preciso ser prático agora”.

Cena 13

por um instante não há pedestres. nem o rumor dos veículos. o véu de chuva dança à frente das duas telas que, próximas, começam a se misturar, colorido preto branco azul. venta fortemente. azul. o rio profundo e quieto surge diluído do fundo da imagem e segue crescendo sobre as duas telas. azul. o rio profundo e quieto toma a cidade.

Cena 14

seria profeta, anunciara. “o homem nascido do milagre de deus seria um pagão”, quiseram saber. “o cadáver da mulher fora violado e meu corpo se fez dela, e meu pai somos todos nós”. mais atarantados, os padres rezaram e defumaram a igreja e a casa e padre Benício bebera uma taça de licor. partirá em agosto, o jovem.

Cena 15

ela comandará uma jangada. conhecerá a cidade do alto e vai identificar cada ponto. “não podemos usar as ideias que nos trouxeram até aqui como salvação”, ela dirá. é o que deve alegrá-lo: encontrar o mestre.

Cena 16

o Sol sobre o sobre de tudo, uma quase esperança. incompleto, o quebra-cabeça espera sobre a mesa. a câmera corre pela cabana como se procurasse por algo ou alguém, gira, volta, diminui a velocidade, entra no quarto e focaliza a janela aberta. aproxima-se muito lentamente agora. ouvimos as vozes, enquanto a câmera se desloca em direção à luz. ela ultrapassa a janela e sobe em direção ao céu sem nuvens, azul azul azul. tudo fica azul e seguimos ouvindo as vozes.



De tanto bater com o osso, a dor vira anestesia, nova coletânea de André Giusti, reúne trinta e cinco anos de produção poética. Sob a sua dicção muito própria, reencontramos a poesia como insistência e defesa: “cada dia que amanhece / é o corte de uma navalha”. A exemplo da “escrita imediata dos meteoros”, a poesia de André Giusti é incisiva, dispensa solenidade e tem os pés bem apoiados no chão. Mas comove como um blues e, assim, chega, atravessa e envolve a todos sem pedir permissão. Os poemas retratam o cotidiano com lentes muito especiais. E impressiona a harmonia da linguagem poética, que os anos justapostos legitimam e aprimoram. E a partir do apartamento imaginário, a poesia vai ao mundo, buscando a completude impossível que nos lega a condição humana. Comove com a crônica (um boletim de ocorrência) do que há de mais secreto, a nudez de cada qual no espelho das palavras. Sim, “... as grandes respostas / estão nos grandes silêncios / ao longo do dia”. Não importam o bater dos ossos ou a dor. Alheia aos disfarces e emboscadas, a voz de André Giusti é livre. Sua poesia também. Por Alberto Bresciane

Go Now

Gary Snyder

Tradução de Morgana Feijão

Você não quer ler isto,
leitor,
esteja avisado, dê as costas
para a escuridão,
vá agora.

— sobre morte e a
morte de uma amante—
não é uma meditação vaga,
uma homilia ou ironia
nem mesmo deus ou epifania nem
aceitação — e nem peleja — com o
fim de nossas vidas,
é sobre a maneira como os olhos
afundam e os dentes avultam
após alguns dias quentes.

O seu suspiro
final,
e eu ainda não estava pronto para esse
último chegar
afinal. Depois de dez longos anos.
Tão magra que as articulações apare-
ciam,
cada tendão e saliência
Shakyamuni descendo a montanha
depois de todo aquele jejum
tinha mais substância que ela.
“Eu conheci um esqueleto falante,
seu nome era Thomas Quinn” —

nós cantávamos
na época
ela oscilava, mas se movia.
Eu a medicava toda noite e depois
sempre
nos beijávamos doce e vorazmente;
beijos profundos, dentes batendo, seus
lábios secos, vorazes, toda ela feita de
ossos, sopra e olhos.

Não fazíamos amor havia oito anos
ela tinha buracos que a drenavam o
tempo todo
nas laterais, alguns novos que se abri-
ram,
fim de jogo — ela falava quando podia.

Filhas, mãe, irmã, primos, amigos
dentro e fora do quarto. Até mesmo
a calejada enfermeira chorava.

“Boa noite, querida, é tempo de ir,
chegou a hora.”
nosso dueto de rostos colados,
naquelas últimas seis semanas

Ela assistia aos pequeninos passarinhos
na árvore lá fora.
Então ela morreu.
Eu a lavei e a vesti em uma blusa
de mangas longas para esconder coto-
velos ossudos,
e em uma saia comprida e transparente
como a de Mumtaz Mahal —

Eu estava só. Então outros chegaram.
Uma das filhas gritou
“Ela é um cadáver!” e ficou paralisada
do lado de fora. Estava quente.
No terceiro dia
o carro funerário veio buscá-la,
estacionando perto da porta,
eu ajudei a colocá-la nos lençóis
deslizados na maca posta dentro do
carro
e eles dirigiram pela colina de cascalho
nossa família parada em silêncio
enquanto eu me virava, respiração sus-
pensa,
olhos fechados para o céu.

Cinco dias de calor e eles me ligaram,
só Kai e eu, para testemunhar a cremação.
Custava mais caro. Só nós dois
queríamos estar lá, para ver.
Seguimos a limousine
por um jardim de concreto com tremo-
nhas de cascalho
cruzamos um portão mais além
até um armazém de chapas de metal
coberto de vegetação que outrora fora
uma oficina
de lá para a sala com o forno e a chaminé,
parecia um ateliê de cerâmica,

e havia caixões de papelão
empilhados, vazios, ao redor.

O jovem na mesa,
preenchendo papéis, suando, enquanto
nós
preparávamos o incenso e o sino e a
vela,
e eu fui até o leve caixão de papelão
e ergui a tampa. O cheiro foi uma
porrada.
Eu achava que a casa funerária tinha
algum tipo de resfriamento na entra-
da,
talvez tivesse. Mas não ajudava muito.
Seu rosto magro mais afundado,
desidratado,
olhos descerrados, mas desabitados, os
dentes maiores,
o corpo, sem dúvidas seu corpo, o
corpo da minha doce e amada senho-
ra diminuído a essência, e eu coloquei
dois livros em seu colo, livros que ela
escreveu,
para ajudá-la na travessia, olhei de
novo
e de novo
e fechei a tampa e assenti.

Ele trouxe o caixão para perto,
deslizou-o para o forno, trancou a
porta,
como um torpedo em espera
nós queimamos o incenso e entoamos
cânticos sobre efemeridade e todos os
seres que já
viveram
e que ainda viverão; coisas escritas
com magia
só para ouvidos mortos — não para
você querido leitor —
vendo a temperatura aumentar no for-
no,
acendendo com combustível, subindo
e subindo.

Agora podemos ir.

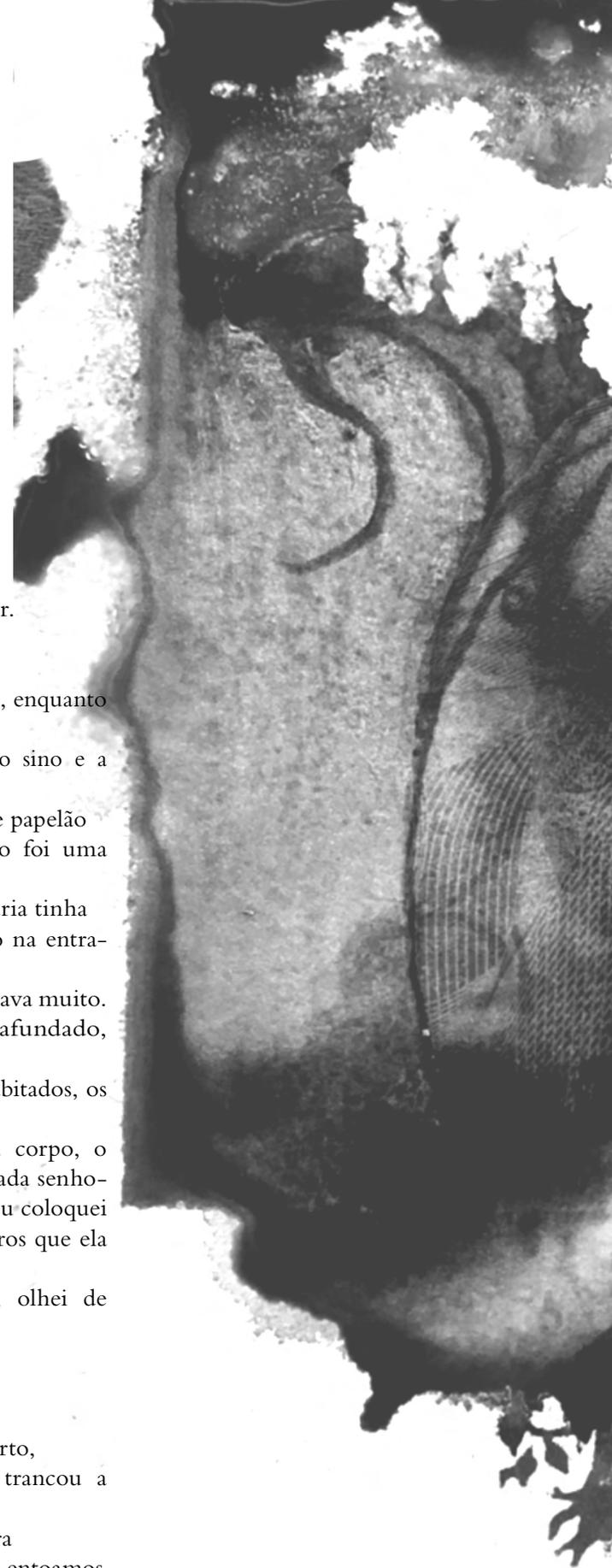
Talvez eu saiba para onde ela foi —

Kai e eu novamente
respiramos fundo
— esse é o preço da afeição —

“Vale a pena. Claro que vale —”

Ainda apaixonado, estar ali,
olhando e cheirando e sentindo,
pensando adeus, meu amor,

vale até mesmo o fedor.





it's about how the eyes
sink back and the teeth stand out
after a few warm days.
Her last
breath, and I still wasn't ready
for that breath, that last, to come
at last. After ten long years.
So thin that the joints showed through,
each sinew and knob
Shakyamuni coming down from the
mountain
after all that fasting
looked plumper than her.
"I met a walking
skeleton, his name was Thomas
Quinn" --

we sang
back then
she could barely walk, but she did.
I gave her the drugs every night and
we always
kissed sweetly and fiercely after the
push;
kissed hard, and our teeth clacked, her
lips dry, fierce, she was all
bones, breath and eyes.

We hadn't made love in eight years
she had holes that drained all the time
in her sides, new ones that came,
end game -- and she talked when she
could.

Daughters, mother, sister, cousins,
friends
in and out of the room. Even the
hardened hospice nurse in tears.

"Goodnight sweetheart, well it's time
to go."
our duet, cheek to cheek,
for that last six weeks

She watched the small nesting birds
in the tree just outside.
Then she died.

You don't want to read this,
reader,
be warned, turn back
from the darkness,
go now.

-- about death and the
death of a lover --
it's not some vague meditation
or a homily, not irony,
no god or enlightenment or
acceptance -- or struggle -- with the
end of our life,

I sponged her and put on a blouse
with sleeves to cover gaunt elbows,
a long gauzy skirt
like Mumtaz Mahal --

I was alone. Then they came.
One daughter cried out
"She's a corpse!" and stood fixed
outside on the deck. It was warm.
The third day
the van from the funeral home came
for her,
backing up close to the door,
I helped roll her into the sheets
slid on a gurney and wheeled to the
car
and they drove up the rough gravel
hill
our family group standing there silent
as I turned, held my breath,
closed my eyes to the sky.

Five days of heat and they called me,
just Kai and me, to come witness cre-
mation.
It cost extra. Only the two of us
wanted to be there, to see.
We followed the limousine
through a concrete-yard with hoppers
of gravel
through a gate beyond that
to an overgrown
sheet metal warehouse that once was
a body-shop
to the furnace and chimney room,
it looked like a kiln for a potter,
there were cardboard coffins
stacked up empty around.

The young man at a desk and a table
filling out papers, sweating, as we
set out the incense and bell, the candle,
and I went to the light cardboard cof-
fin
and opened the lid. The smell hit like
a blow.
I had thought that the funeral home

had some sort of cooling like a walk-
in
maybe they did. But it didn't much
help.
Her gaunt face more sunken, dehy-
drated,
eyes still open but dull, teeth bigger,
her body,
her body for sure, my sweet lady's
body
down to essentials, and I placed two
books on
her breast, books she had written,
to send on her way, looked again
and again,
and closed it and nodded.

He rolled it up close, slid the
box in the furnace, locked down the
door,
like loading a torpedo
we burned incense and chanted the
texts for impermanence and all beings
who have lived
or who ever will yet; things writ only
in magic
and just for the dead -- not for you
dear reader --
watching the temperature gauge on
the furnace,
firing with propane, go steadily up.

So now we can go.
Maybe I know where she's gone --

Kai and I one more time
take a deep breath
-- this is the price of attachment --

"Worth it. Easily worth it -- "

Still in love, being there,
seeing and smelling and feeling it,
thinking farewell,

worth even the smell.



Trecho de **Felicidade**

Vicente de Carvalho

Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa, que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.